

Trocar de vida com economias solidárias,
Heloisa Primavera, Dezembro de 2007.

- 1. Uma delicada construção das representações sociais : trocar de vida com uma moeda mulher.**
- 2. A moeda social constroi um lugar para si na nascente Economia Solidária.**
- 3. A tentação crónica da ave-fênix...**
- 4. Um Projeto Colibrí desloca o eixo do desemprego de pessoas para realizações possíveis de coletivos.**
- 5. Como passar de boas idéias a práticas transformadoras e duradouras.**
- 6. Alguns frutos das primeiras colheitas.**

1. Uma delicada construção das representações sociais : trocar de vida com uma moeda mulher.

Em 1995, criou-se o primeiro Clube de Trocas da Argentina: pouco mais de duas dezenas de pessoas o formavam, e em pouco tempo, com seu crescimento, as mulheres começaram a tomar conta desses espaços singulares – por não dizer bizarros, que é como os viam a maioria da população – tornando-se logo protagonistas, inventoras e sustentáculo da iniciativa. Com o agravamento da crise provocada pelo ajuste estrutural dos anos '90, ao final dessa década as cifras se multiplicaram extraordinariamente: cinco mil participantes em um ano, trinta mil no ano seguinte, duzentos mil quando já não era possível medi-los e, segundo uma consultora internacional independente, a meados de 2002 chegavam a seis milhões os argentinos que participavam de alguma forma, em algum(ns) desses dez mil grupos organizados, nessa aventura que consistiu em re-inventar um mercado possível, um mercado sem dinheiro. Vale a pena recordar que essas cifras nunca foram superadas por iniciativas similares, em nenhuma época, em nenhum país ou região do mundo.

Tomaria então esse período entre 1995 e fins de 2001, para sustentar que foi o período onde uma maioria de mulheres - por certo anônimas - sustentaram essa atividade que permitiu dar de comer, vestir, promover saúde, turismo e bem estar a milhares de famílias pauperizadas pela crise. Como antecipamos em nosso título, foi possível trocar de vida com economias solidárias, em particular com essa forma particular de articulações de grandes grupos que usavam uma moeda social para combater a exclusão na qual haviam sido lançados pela economia formal. Isso acontecia em unidades isoladas, denominadas primeiro "clubes de troca", depois "nodos" quando já se pensava na formação de uma rede maior, de alcance regional. Em pouco mais de um ano chegou-se a existência de várias redes nacionais, com maior ou menor vinculação entre elas.

* *Heloisa Primavera é bióloga pela Universidade de São Paulo, posgraduada em Paris em Genética de Virus e Biologia Molecular. Posteriormente obteve o grau de Mestre em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo e atualmente é doutoranda em Economia pela Universidade de Buenos Aires. Sua atuação profissional no campo da docência inclui as áreas de Ciências Naturais, Ecologia, Epistemologia da Complexidade, Gestão de Programas Sociais e Economia Solidária. Consultora de empresas e organizações, foi assessora de projetos especiais do BID, Banco Mundial, Unesco e Organização Mundial da Saúde. Fundadora da Rede Latinoamericana de Socioeconomia Solidária em 1999, foi animadora da equipe internacional de animação do Polo de Socioeconomia Solidária, da Aliança para um mundo responsável, plural e solidário, onde criou e animou o Grupo de Trabalho sobre Moeda Social. Participou na difusão desse programa em todas as edições do Fórum Social Mundial, entre 2001 e 2006, e nas principais conferências internacionais sobre Moedas Sociais e Economia Solidária. Atualmente, coordena o Projeto Colibrí, cujo objetivo é formar uma rede de 3000 promotores de desenvolvimento endógeno na América Latina. Por sua atuação como promotora das redes de troca com moeda social na América Latina, recebeu o Prêmio de Mulher do Ano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais da Mulher e foi incluída na lista das Vinte Mulheres que fazem História pelo Jornal Clarín, em 2002.*

Seus participantes não eram só mulheres, é necesario lembrar, mas elas eram a franca maioria, pelo menos nos primeiros anos. Até me atreveria a propor que se o poder tivesse ficado do lado do estilo de gestão femenino, não teria havido a crise das redes de troca... É uma hipótese polémica, claro, mas outra não é a função de uma hipótese!

Lembremos então que Dezembro de 2001 foi na Argentina o epicentro do caos político e institucional, em que assistimos a mudança de quatro presidentes em duas semanas, a declaração de "default" frente ao pago da dívida externa e logo depois o final do período de dez anos de convertibilidade peso/dólar, que arrastou a uma desvalorização de 300% da moeda nacional, em poucas semanas... (www.redlases.org.ar/documentos)

Uma crise que já acontecia ao interior das redes de troca e que bem pode ser referenciada como a confrontação de um modelo concentrador da riqueza e verticalista (*masculino?*) com um modelo distributivo e de gestão horizontal (*feminino?*) fez com que a crise maior que assolou o país chegasse também a esse mercado adolescente, que ainda não tinha encontrado suas boas práticas definitivas.

O jornal Clarín, matutino de maior circulação no país, publicou no dia 24 de abril de 2002, em sua secção Opinião, um artigo onde defendíamos a necessidade de que "*Os clubes de troca devem preservar seu sentido solidário*" para constituir-se em alternativa à exclusão social. Nesses seis anos funcionou em muitíssimos grupos fechados uma verdadeira *moeda social* que substituiu, ainda que temporariamente, a moeda oficial, reconhecidamente anti-social. Com a moeda social dos clubes de troca pudemos enfrentar por um momento a Dor-país, esse lado absurdo e obscuro Risco-país que nos acompanhou durante mais de uma década.

Podemos afirmar, sem risco de faltar à verdade, que demonstramos que era possível *trocar de vida*, "reinventando" um mercado impensado - mais que novo - a partir da criação de contextos adequados para o florescimento da lógica feminina, que é a do cuidado do outro e da distribuição equitativa da riqueza, prevalecendo sobre a lógica capitalista, naturalmente dominante e exacerbada pelas sucessivas crises que acompanharam o retorno à democracia.

2. A moeda social constroi um lugar para si na nascente Economia Solidária.

Durante esse período crítico dos anos '90 também florescia em toda América Latina o nascente movimento da Economia Solidária, cujos antecedentes podem ser encontrados nas múltiplas formas de resistência construídas durante os governos militares, em países como Chile, Brasil, Equador, Bolívia, Perú e da própria Argentina, para citar apenas alguns onde tivemos actuação mais consistente. Em nossa compreensão, dois movimentos sociais muito diferentes entre si contribuíram igualmente para a emergência e consolidação da Economia Solidária na região: o Forum Social Mundial, lançado em Porto Alegre em Janeiro de 2001 e o movimento Aliança para um mundo responsável, plural e solidário (www.alliance21.org). Em ambos, marcaram sua presença as iniciativas de moeda social e trocas solidárias, de países de todo o mundo, integrando-se a outras dinâmicas transformadoras da ordem social.

Há valiosa informação sobre essa tentativa de fertilização cruzada, em particular nos sitios do Polo de Socioeconomia Solidária (www.socioeco.org), no atual Forum Brasileiro de Economia Solidária (www.fbes.org.br) e na Rede Intercontinental de Promoção da Economia Social e Solidária (www.ripess.net)

A essa altura é importante lembrar que durante a crise de 2001-2002 na Argentina, apareceram muitas formas inovadoras no sector da Economia Solidária, como foram as "*ollas populares*" - enormes caldeirões onde heroínas anónimas cozinhavam para quem não tinha o que comer e servia-se nas ruas. Os clubes de troca num primeiro momento explodiram e a moeda social era a única que parecia dar conta da crise. Vivia-se permanentemente num clima de profunda indignação, principalmente pela "desaparição" dos bancos de milhares de depósitos de poupança (às vezes de toda uma vida), em pesos e dólares, na forma surpreendente e escandalosa como aconteceu. Cada dia, as ruas eram tomadas pelos vizinhos e cortadas, incendiadas, para expressar sua fúria; as fábricas falidas eram tomadas e postas em funcionamento por seus antigos empregados; a população organizava-se em assembleias permanentes por quarteirão, tentando dar vazão ao grito comum de *Que se vayan todos*,

especificamente dirigido aos políticos de todas as cores. Desse momento, dá conta com profundidade a fina sensibilidade da psicanalista Silvia Bleichmar em seu ensaio “Dolor-país”, mujer extraordinaria cuja partida nos deixou um lugar vazio impossível de ser preenchido.

Por outro lado, também é importante reconhecer que o paradigma da abundância, entendido por Bernard Lietaer como a lógica feminina aplicada à Economia, ainda não ganhou a batalha, nem sequer no interior do movimento de Economia Solidária: como movimento emancipatório, as moedas sociais se devem uma melhor e mais eficiente integração – em cada país e entre eles também – com as diferentes iniciativas da Economia Solidária, no campo da produção, da comercialização, do crédito e do consumo. A dimensão de nossa missão exige que caminhemos todos alinhados “em fase”, procurando sinergia e não competindo por recursos de financiamento ou prestígio, para enfrentar esse terrível malentendido que é viver em escassez, num planeta de abundância...

Atualmente, existem iniciativas de moeda social y finanças solidárias em mais de cinquenta países de todas as regiões do mundo, só para referir-nos ao nosso universo mais conhecido. Há muitos modelos diferentes, cada um com suas fortalezas e limitações. Em nossa compreensão, o modelo “Banco Palmas”, desenvolvido em Fortaleza, Ceará, Brasil, desde 1998, é um exemplo de inovação produtiva em economia solidária, que combina de forma singular a participação popular na Economia Solidária, a gestão territorial e as moedas sociais. Em várias oportunidades, pudemos participar dessa iniciativa, desde a criação de sua primeira moeda social (Palmares) e mais tarde do Projeto Fomento, que associou criativamente microcrédito e moeda social circulante local. Hoje em dia, a moeda local Palma é aceita em feiras, comércios do bairro e serviços essenciais como gás de cozinha, transporte público e mesmo o combustível para automóveis. (www.bancopalmas.org.br)

Quero fechar essas reflexões sobre as moedas complementarias criadas e gerenciadas pelas próprias comunidades, com uma referencia à contribuição de Margrit Kennedy, arquiteta de formação que pode desvelar, com elegancia, claridade e simpleza extrema, a instituição dos *juros bancários* como o nó do sistema financeiro internacional. Esse que devemos desatar para mudar o curso da evolução do capitalismo, se queremos reconhecer os propósitos mais ambiciosos da crescente comunidade militante da causa “moedas complementares sociais” como instrumento de soberania política. Sua obra “Dinero sin interés ni tasa de inflación” publicada em 1997 marca um ponto de inflexión na abordagem teórica e prática dos projetos de moedas complementarias e regionais (www.margritkennedy.de).

3. A tentação crônica da ave-fênix...

Depois do paradoxal “éxito” que representaram as moedas sociais na Argentina, devemos sumarizar alguns aspectos de sua evolução:

* Os grupos se desenvolveram a partir de sectores pauperizados da *classe média*, que tinham registro na memoria de outros tempos e energia para opor-se à perda de sua qualidade de vida; em forma autogestionária e com escassa intervenção estatal, sua multiplicação chegou a um teto que não souberam administrar.

* Ao contrario do que se pensa, a primeira grande crise das redes de troca foi originada um ano antes da grande crise nacional de Dezembro de 2001, por uma “implosão” do sistema de trocas, na disputa clara entre modelos que propunham moedas “empresarias” ou moedas “sociais”, isto é, moedas que concentravam a riqueza e moedas que se queriam distributivas... Em outras palavras, o inimigo interno foi mais forte e a concepção gramsciana da ideología demonstrou como é difícil escapar das malhas da ideología dominante – a ideología da classe dominante, hoje expandida e “aggiornada”, mas ainda muito forte!

* A crise financeira, política e institucional do país, a partir de Dezembro de 2001, colaborou em seguida para que o sistema das redes de troca fosse “replicado” em sua pior versão – a versão “empresária”, por usar um eufemismo e evitar a expressão “mafiosa” que para alguns é mais pertinente. Isso fez com que a confiança no próprio sistema como um todo desaparecesse,

uma vez que a distribuição desigual, as falsificações e “venda” de moedas sociais tornaram-se públicas e notórias.

* De seis milhões, os números passaram a... indeterminados! porque o “orgulho nacional” transformou-se subitamente em “viveza crioula” e depois em “vergonha alheia”, já que ninguém queria já ser associado à “vergonha nacional”. A quebra de confiança afectou por isso também aqueles que estavam longe do epicentro da crise do “Banco Central” que provocou a destruição do sistema a nível nacional e alem.

* Os meios de comunicação massiva também fizeram seu trabalho e condenaram implacáveis que “EL TRUEQUE YA FUE”. O Estado decidiu que era hora de voltar ao assistencialismo clientelar, melhor produtos de votos, sem dúvida, que projetos de emancipação da cidadania, através de uma soberania monetária complementar...

* Mas a partir de fins de 2003, oh! surpresa... alguns pacientes jornalistas e estudiosos começam a perceber que as trocas ainda estão vivas! E fala-se já de cerca de cem mil participantes distribuídos por todo o país, em grupos sem vocação de articular-se em redes maiores que seu próprio território.

* Sim, qual ave fénix, as trocas solidárias renascem de suas cinzas, mas com entusiasmo renovado e a iniciativa de reinventar um mercado, um mercado quantitativamente menor agora, encontra novos grupos responsáveis dispostos a corrigir os desvios “capitalistas” e promover a distribuição da riqueza, em vez de sua concentração. Uma vez mais, viu-se que às vezes mais se aprende dos erros que dos acertos...

4. Um Projeto Colibrí desloca o eixo do desemprego de pessoas para realizações possíveis de coletivos.

Se desde o início, quando em Dezembro de 1997 lançamos nosso clube de trocas piloto, planejamos que a capacitação fosse parte essencial da afiliação de novos membros, o fizemos intuindo, mais que sabendo, que não se tratava simplesmente de “trocar de moeda” mas de viver de outra maneira, de incluir aos que haviam caído fora do mapa. Por isso, nesse espaço, além de “oferecer” capacitações surpresa durante as feiras (para evitar ser invadidos por pessoas às quais somente lhes interessava “comprar” ou “vender”) esse princípio plasmou-se num programa de capacitação permanente denominado Programa de Alfabetização Económica, que foi freqüentado por centenas senão milhares de participantes que queriam promover sistemas duradouros. O programa continha um mínimo de 60 horas de duração, incluía práticas de dinâmica grupal para a democracia participativa e a autogestão, além de estágios em outros grupos da rede para comparar e adoptar com responsabilidade o modelo adequado para sua comunidade.

Nele oferecíamos, além das dinâmicas básicas para formar um clube de trocas solidárias, uma visão integradora da crise social como consequência da arquitectura do sistema financeiro vigente. Ou seja, a Economia Solidária não era um paliativo transitorio, mas um *modelo de desenvolvimento alternativo* ao capitalismo neoliberal. E possível.

Encantados com nosso brinquedo mágico, foi necessária a grande crise para percebermos que também estávamos fechados em nossa “torre de marfim”, a das moedas sociais, e não colocávamos suficiente ênfase nas demais etapas do processo económico e do processo político no qual estas se inseriam. Compreendemos então que era imprescindível abordar *simultaneamente* com a capacitação na gestão das moedas sociais, as demais etapas prévias à produção individual, como as possibilidades de um cooperativismo crítico, as diversas formas de autogestão, as possibilidades das pequenas unidades familiares, além do conhecimento do movimento mundial de um comércio justo crítico, um consumo ético e responsável e o diálogo com o poder público, para que este assumira a responsabilidade da sustentabilidade económica, política, social e ambiental.

Ou seja, só então poderíamos falar seriamente de um modelo de desenvolvimento alternativo - nosso foco principal – para chegar a esse famoso “outro mundo” possível.

Assim foi que começamos a examinar criticamente experiências desenvolvidas na América Latina e verificamos que havia um importante capital social e intelectual acumulado mas disperso. Por isso, para sair da crise, propusemos – dentro de la lógica “feminina” do pássaro que dá nome ao programa: Projeto Colibri - deslocar o foco para o *desenvolvimento local integrado e sustentável*, em vez de deixá-lo no que primeiro se via e mais impressionava: o *desemprego de pessoas desorganizadas, sem projetos coletivos*.

Em suas quatro etapas principais, o Projeto Colibri inclui:

1. Ativação dos recursos locais (ARL), da comunidade, bairro ou região: nessa etapa, procuram-se exemplos exitosos ou em pequena crise que possam ser resgatados, convoca-se os participantes a uma colaboração criativa, responsável e permanente, aplicando-se os instrumentos reveladores do paradigma da abundância, para que todos possam sentir-se protagonistas das obras coletivas a serem realizadas.

2. Sistemas alternativos de financiamento (SAS): busca-se implementar o sistema que tenha maior impacto educativo como educação cidadã, como verificação na prática de direitos e responsabilidades de cada um no coletivo, Trata-se principalmente de programas de microcrédito, bancos comunitários, fundos rotativos, círculos de auto-ayuda.

3. Sistemas de Intercambio Compensado (SIC); quando as economias locais se reativaram é chegado o momento de procurar a ativação daquele “outro” mercado possível que sabemos que existe, o mercado sem dinheiro, sob qualquer de suas estratégias: escambo, troca direta, moedas sociais, intercambio mediado por software especializado.

4. Gestão Associada e Participativa (GAP) entre Estado, sociedade civil e empresas: trata-se aqui que investir na construção de novas alianças, sem temor a desafiar os dogmas da política na economia... O exemplo do Orçamento Participativo de Porto Alegre (Brasil) ganhou terreno na América Latina, além de permitir o “descobrimto” de processos afins ou similares em outras regiões e compara-los, com benefícios para ambos.

Como cada caso é um caso particular, as etapas podem suceder-se em qualquer ordem, o importante é partir de onde haja maior predisposição, necessidade e recursos.

5. Como passar de boas idéias a práticas transformadoras e duradouras.

Um de nossos alunos disse uma vez que: *“Muitos são os que tem boas ideias; um pouco menos sabem como po-las em prática, menos ainda são capazes de faze-lo e ainda muitos menos... são os que depois as executam!”*

Várias décadas de trabalhos em comunidades e organizações nos levaram a algumas conclusões firmes sobre a pouca utilidade de *replicar* iniciativas: Villa El Salvador no Peru, recebeu vários prêmios internacionais, mas nunca se multiplicou; a forma do orçamento participativo de Porto Alegre jamais tornou a ocorrer... Ignoramos todos os factores de êxito dos projectos que permanecem no tempo.

Mas algumas apostas que vem dando certo dizem que é pela mudança de *valores* que se deve começar e que esta requer não só declarações de intenção, mas muito tempo de treino em *ferramentas* que reestruturam as ideias obsoletas...

Por isso, o Projeto Colibri é um projeto e não um programa terminado: constrói-se com a comunidade, apostando na sustentabilidade que vem da prática permanente de *ferramentas da democracia participativa e do paradigma da abundância*...

Se tivéssemos que definir quais são as *barreiras mentais* que encontramos nos distintos actores sociais para chegar aos resultados que todos dizem querer chegar, ao longo de nosso caminho diria que elas podem resumir-se:

* no tabu em relação ao fenómeno do “poder” e sua contaminação tida como inevitável nos processos sociais de emancipação;

** na invisibilidade de recursos, pessoais e coletivos, onde eles existem!

*** na escassa abertura de cada um a sair do seu papel e envolver-se no de outros...

Por isso, hemos construído e testado tres idéias-força reitoras para o Projecto Colibrí:

* *O poder é um jogo permanente, inevitável, necessário e criativo para a construção de uma nova ordem social.*

* * *O planeta é de abundância: tem recursos suficientes para garantir vida digna para todos seus habitantes, em harmonia com a natureza.*

*** *Cada um de nós é responsável por sua parte e também pelo todo.*

Elas tem a força dos enunciados teoremas: devem ser demonstrada, cada dia, em cada espaço... Esse é o desafio do Projeto, que hoje está vivo, latente ou impregnado em cada impacto que produzimos quando capacitamos no uso das ferramentas Colibrí, destinadas a criar projetos coletivos num processo de radicalização da democracia.

Trata-se de ferramentas muito simples, com frequência resgatadas da própria comunidade, mas re-significadas como instrumentos de promoção do paradigma da abundância, onde habitam as três idéias-força enunciadas.

Essas ferramentas tem por objectivo:

* conhecer permanentemente as opiniões de todos sobre tudo;

* * aceitar conviver com as diferenças,

*** praticar a delegação de tarefas específicas, identificando papéis rotativos para uma quantidade de responsáveis por pequenas tarefas bem delimitadas, tendendo à autogestão dos coletivos, onde as lideranças devem ser fortes, pero substituíveis sempre que possível.

6. Alguns frutos das primeiras colheitas.

O Projeto Colibri foi lançado em Maio de 2003, para ampliar o horizonte do Programa de Alfabetização Económica de nosso Nodo Obelisco da Rede de Trocas Solidárias (www.redlases.org.ar/nodoobelisco) em direção a sair da estratégia da moeda social como centro e passar a processos coletivos de maior duração. Sua denominação deve-se a uma inspirada lenda andina, que queremos partilhar com as companheiras, dado o carácter altamente feminino que lhe encontramos.

Contam as sagradas tradições dos Andes, que andava um dia pela floresta o pequeno colibri jactando-se de ser o rei da floresta. O grande condor ficou sabendo do rumor e, mais divertido que preocupado, desafiou-o a uma corrida até o Sol, para dirimir o conflito de opinião, dado que ele também sustentava que era o rei da floresta...

Para surpresa dos outros animais, o pequeno colibri aceitou o desafio e na madrugada no dia pactado encontraram-se todos para assistir ao magno evento. Com tristeza, alguns amigos do pequeno colibri viram que este não chegava, o que não impediu o condor de dizer, orgulhoso: “Como vêm e era de esperar, meu opositor desertou.. Mas mesmo assim farei minha corrida até o Sol para que não haja dúvidas sobre minha soberania na floresta!”

E abriu suas asas majestosas e empreendeu viagem em direção ao Sol, por eles denominado Uiracocha..

O condor desapareceu da visão dos animais da floresta e, ao aproximar-se do astro-rei, em sinal de reverência, inclinou suavemente sua cabeça para baixo e fechou os olhos, quando da plumagem de seu pescoço emergiu o pequeno colibri, que com seu vôo eléctrico aproximou-se mais ainda e viu-lhe a própria cara ao Sol!

Voltando à floresta, orgulhoso disse aos animais: “Eu vi a cara de Uiracocha! Sou o rei da floresta!” E desde entonces representa a sabedoria da astúcia, da delicadeza das pequenas acções invisíveis e do aproveitamento da energia disponível, desdenhando a força bruta, o exibicionismo e a violência...

Algun parecido com a energia feminina, com a estratégia do cuidado da prole e da habilidade de transformar menos em mais? Algun parecido com a estratégia da moeda social, que aproveita os talentos invisíveis para reinventar um mercado para os excluídos? Algun parecido com...?

Desde 2003, estamos capacitando grupos e asesorando a projetos de Economia Solidária e democracia participativa na Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai, Chile, Bolivia, Peru, Equador, Colombia, Venezuela, Centroamérica, México, Estados Unidos, França, Alemanha e Espanha. Fotos e testemunhos podem ser encontrados em www.redlases.org.ar/colibri.

Nosso compromisso é formar uma rede de promotores de desenvolvimento local integral e sustentável, onde as experiências possam ser partilhadas e novas ferramentas produzidas pela prática de seus integrantes. A viagem já começou.

Retomando palavras de outra mulher que me é muito cara, a Tzvetáieva, personagem de Máximo Gorki em seus Pequenos Burgueses, vem-me à mente sua resposta a uma amiga escéptica em relação à possibilidade da mudança no curto prazo:

“O que há no futuro para ver é... o que você quiser ver!”

O que há no seu futuro para ver? O que VOCÊ quer ver no futuro?
Vamos pensa-lo juntas?

Referencias no texto:

Bleichmar, Silvia , 2002 *Dolor País*, Buenos Aires, Los libros del zorzal.

Kennedy, Margrit, 1997 *Dinero sin inflación ni tasas de interés*, Buenos Aires, Nuevo Extremo.

Lietaeer, Bernard, 2001 *The future of money*, London, Century.